

TÍTULO: Rota para Uanã

{sujeito à mudanças}

PAGINA TÍTULO: *Título na parte superior da página e, abaixo, uma ilustração contendo as três personagens principais, MIRA, EMÍLIA, E LEONORA. {Possivelmente, poderão ser incluídas setas indicando o nome de cada personagem}*

ABERTURA: *Quadrinho de página inteira mostrando uma paisagem e as três, pequenas, seguindo uma trilha. {O título poderá ser inserido no topo da página.}*

INTRODUÇÃO:

As três amigas seguem uma trilha, com Emília guiando o grupo.

EMÍLIA: Venham! É Por aqui!

MIRA [sussurando para Leonora]: É a quinta vez que erramos o caminho. Talvez a Emília não seja a melhor guia...

LEONORA: [sussurando de volta]: Ao menos ela parece estar se divertindo. É mais do que **você** consegue fazer...

MIRA: Ei! Isso foi gratuito!

MIRA: Diversão é bom, mas o plano é chegar nas ruínas de Uanã até o fim das férias. A gente tem que ao menos **encontrar** a trilha correta, Leonora. Você verificou o mapa? E a lista? Espero que a gente não tenha esquecido nada...

LEONORA: {*Em segundo plano*}: Relaxa, Mira, a gente já olhou isso milhões de vezes. Vamos chegar lá à tempo.

Elas são interrompidas por uma exclamação de Emília

EMÍLIA: Oh!

EMÍLIA {*Em outro quadrinho*}: Mas é genial!

{*Quadrinhos em transição aspecto por aspecto*} *Panorama de uma espécie de floresta, com as árvores em um ângulo estranhamente agudo em relação ao solo. Em um dos quadrinhos, as meninas exibem diferentes expressões de admiração. Leo parece animada, Mira observa timidamente o espaço ao redor e Emília parece extasiada. Esta última adentra o ambiente, começando a explorá-lo.*

EMÍLIA [Se voltando para as outras]: Esperem aqui!

Mira e Leo parecem hesitantes. Leo observa Mira do canto do olho, com uma expressão matreira.

MIRA: Tá bom... Não demora!

{*Uma pausa: quadrinho sem fala. No quadrinho seguinte:*}

MIRA Vou atrás dela.

LEONORA: Típico.

Uma vez embrenhada na paisagem, Mira olha ao redor e chama, hesitante.

MIRA: Eme? Aonde você está?

EMÍLIA [De longe]: Mira! Venha ver o que eu achei!

MIRA: hm?

Emília mostra para a amiga uma espécie de besouro bastante peculiar, que começa a sobir em seus dedos.

MIRA: Uau, que lindo! Que espécie é essa?

EMÍLIA: Não faço a menor ideia.

Zoom de Emília que tira uma câmera da bolsa.

EMÍLIA: Vem, me ajuda a tirar uma foto!

{Barulhos de câmera}

EMÍLIA: Aqui, segura ele mais de frente.

Mira segura o besouro com uma expressão desconfortável no rosto. Seu olhar se fixa na direção oposta, onde supostamente ainda se encontra Leonora.

{No quadrinho seguinte, o cenário permanece o mesmo, mas Mira olha pra frente}:

MIRA: Er... Tá escurecendo... E a Leo tá esperando a gente.

Emília abaixa à câmera com uma expressão hesitante.

EMÍLIA: Ah... É, tem razão.

EMÍLIA: Já acabei por aqui, obrigada.

{Quadrinho vertical} Emília e Mira retornam ao ponto inicial, se reunindo à Leo.

MIRA: Venham, vamos achar um lugar para acampar esta noite. E amanhã, rumo à Uanã!

CORTE

Leonora e Mira riem juntas em volta da fogueira. Emília permanece distante e muito absorvida em seu caderno, com os cenhos franzidos. Mira se aproxima para falar com ela.

MIRA: ..Ei...

EMÍLIA: Hm? Ah, ei.

Mira se senta ao lado dela, lentamente.

MIRA: Tá tudo bem?

EMÍLIA: Uhum, Porquê?

MIRA: É que você parece um pouco... preocupada?

Emília sorri de leve.

EMÍLIA: Não estou não, só intrigada. Olha isso.

{Vemos, em zoom, o caderno de Emília. As polaroids do besouro estão coladas nas páginas e vemos também uma série de anotações muito caóticas. O diálogo abaixo está inserido em balões por cima do caderno}:

EMÍLIA: Você está vendo esses padrões no casco dele? Eles se repetem nas asas, quando elas estão abertas! Não consigo me lembrar de nenhum outro exemplar de coleóptero com este padrão... e nem com este tipo de mandíbula.

MIRA: É verdade que a boca dele é bem engraçada. Parece a de uma borboleta.

EMÍLIA: Uhum...

EMÍLIA: Isso tudo é muito estranho. Preciso consultar o meu banco de dados... não, o ideal seria poder levar um espécime para a universidade, antes disso...

Mira ri. Ela se levanta e se dirige de novo à fogueira.

MIRA: Talvez o encontremos de novo no caminho, afinal ele parece aqueles escaravelhos em filmes sobre ruínas. Você acha que tem múmias em Uanã? Seria bem maneiro! Mas venha, acho que você deveria descansar essa cabeça um pouco.

{Os quadrinhos seguintes focam na expressão de Emília}. Ela vê Mira se afastar com um sorriso, mas olha ansiosamente para o caderno em seu colo. Depois, destaca uma das polaroids e a encara, com penetrada.

CORTE

{Alguns quadrinhos mostram detalhes do acampamento em uma manhã bastante úmida}. Inicialmente vemos Mira adormecida e, em seguida, {zoom} a vemos abrir os olhos e acordar lentamente. Ao seu lado, o lugar onde estaria o saco de dormir de Emília está vazio. Sua mochila também sumiu.

MIRA: *[Ainda sonolenta]* ...Eme?

Mira se assenta em seu saco de dormir, olha para os lados e vê, junto com as suas coisas, um bilhete:

“Mira,
Preciso encontrar o besouro. Avise as outras.
Boa sorte em Uanã,
Eme”

CAPÍTULO 1

{Vemos um zoom da expressão surpresa de Mira. No quadrinho seguinte, uma onomatopéia seguida de um palavrão indicam que alguém está do lado de fora da barraca. O próximo quadrinho ainda foca no rosto de Mira, mas o seu olhar se volta do bilhete para a comoção lá fora.}

Do lado de fora, temos Leonora tentando atear fogo em uma pilha de folhas com um isqueiro {Leonora está em primeiro plano e, Mira, em segundo.} Mira sai da barraca.

MIRA: Leo! Faz muito tempo que você está aqui?

LEONORA: São 6 da manhã. O que você acha?

Ela pausa, suspira, e parece desistir do fogo. Depois, após perceber que Mira a observa, joga o isqueiro em sua direção.

LEONORA: Tó. Você acende fogueiras melhor do que eu.

Mira olha para o isqueiro e depois para Leo.

MIRA: A fogueira era para fins recreativos. Eu trouxe um fogão à gás.

LEONORA: *[com uma expressão mórbida]* Completamente maluca...

MIRA: Vou ignorar isso.

MIRA: *[pigarrando]* Quando você acordou hoje, você viu a Emília?

LEONORA: Não sou eu quem divide a barraca com ela.

MIRA *[segurando o bilhete em uma mão]:* Sim, mas é que... Eu acho que ela... foi embora.

Leonora pausa novamente sua ação, pensativa, e se levanta, suspirando, para tomar o isqueiro das mãos de Mira.

LEONORA: Você sabe pra onde ela foi?

MIRA: Não... ela provavelmente não quis acordar a gente. Mas acho que ela voltou para aquele mesmo lugar de ontem. Se sairmos agora, podemos alcançá-la!

Leonora a encara.

LEONORA: Caraca, você está falando sério mesmo

MIRA: Claro que sim Leo! Pensa, se ela saiu uma, duas horas atrás... nem deveria fazer dia ainda! É perigoso! Temos que pelo menos ligar pra ela!

Leo amolece ao ver a expressão preocupada da amiga.

LEONORA: Respiiiiiira... Ligar não tem como, estamos sem sinal desde que entramos no parque

LEONORA: Mas olha, Mira, a Eme é adulta, e tem mais experiência em acampar do que nós. Ela sabe se virar. Além disso, se ela saiu sem nos avisar, imagino que foi porque preferia ir sozinha, ou então porque sabia que não voltaria tão cedo.

LEONORA: Sem falar que se formos atrás dela vamos nos afastar de novo da trilha para Uanã.

Mira parece ainda hesitante, e um pouco triste

MIRA: Se você diz... Mas, e o mapa? Era a Emília quem tinha ele. As coisas dela não estão na barraca...

LEONORA [*pensativa*]: Hm... isso complica um pouco as coisas. [sorri] Suponho que vamos ter que improvisar.

{Quadrinho de Mira apontando para uma montanha à distância, ao lado do sol nascente}.

MIRA: Olha! Segundo tudo o que eu li sobre Uanã, as ruínas ficam em cima de uma colina. E tudo o que sabemos é deveríamos ir para o leste. Logicamente, ali deveria ser o Monte Uanã! Não parece tão longe. E, se o seguirmos, talvez possamos nos manter na direção certa.

LEONORA: Há, você pensa em tudo mesmo! Então vamos lá!

Elas arrumam suas coisas. Mira dá uma última olhada hesitante para o camping vazio e as duas viram as costas para seguirem o caminho.

CORTE

[PASSAGEM DE TEMPO] {Alguns quadrinhos de transição mostram elas andando em diferentes momentos, com a névoa ao redor ficando cada vez mais espessa.}

LEONORA *{Uma onomatopéia indica que ela fecha um casaco}*: Cara, que melança! Você tá vendo o pico?

MIRA: Eu não estou vendo nada.

LEONORA: Minha meia tá molhada. Cê num tem uma meia sobrando?

MIRA: Esse é o **terceiro dia** de viagem e só agora que você troca de meia?

LEONORA: Temos prioridades diferentes, ok?

MIRA: ...

MIRA: Ei, você está ouvindo isso? Que bizarro, poderíamos até dizer que seriam....

{Quadrinho amplo mostrando a vista do penhasco.} A paisagem enevoada faz com que a linha do horizonte de ofusque, deixando os limites entre o céu e o mar quase invisíveis. A sombra pálida do Monte Uanã está no lado direito da paisagem e uma ponte e linha reta o liga à costa.

LEONORA: ...ondas...

{Quadrinho do rosto maravilhado das meninas.}

MIRA: Mas... não faz sentido... O mar ficava a centenas de quilômetros de distância!

LEONORA: Pode ser só um ENOORME rio?

Elas são interrompidas por uma gaivota que voa de raspão sobre elas em direção ao horizonte.

LEONORA: apontando animada: Larus Dominicanus!

LEONORA: Ok, talvez não seja um rio.

MIRA: E dizer que **você** chamava a Eme de nerd...

LEONORA *[interrompendo Mira]*: Veja! Aquilo não parece o Monte Uanã pra você?

MIRA: É mesmo! Mas porquê ele parece estar *bem mais longe* do que antes?

LEONORA: Ânimo, capitã! Pelo menos não vamos precisar nos preocupar mais em achar o caminho. Parece que essa ponte nos leva direto pra lá!

Mira e Leo descem a escarpa até uma parte mais baixa do penhasco, de onde sai a ponte. Elas param logo na entrada.

MIRA: Uau, ela é imensa!

MIRA: *[rindo e correndo em direção à ponte]*: Vem, Leo! Estamos quase lá!

CAPÍTULO 2

As meninas estão andando há um tempo. Mira parece bem pensativa e cabisbaixa. Leonora anda tranquilamente, mas para de vez em quando para observar a amiga. O sol começa a se pôr, e ao final desta cena, fará noite.

LEONORA: Acho que “quase lá” foi exagero seu, capitã.

MIRA: Hm.

Leo parece finalmente perceber o estado taciturno da amiga.

LEONORA: Tá... tudo bem?

Mira, ao ouvir a amiga, parece acordar, após um tempo perdida em seus pensamentos

MIRA: Ahn? Ah, sim. É só... A Emília. No fim das contas, acho que estou um pouco chateada com ela.

LEONORA: Hm. A Eme é... complicada. Mas você sabe, quando ela coloca algo na cabeça...

MIRA: Eu sei!... Mas não posso parar de pensar que, sei lá, ela poderia ter pelo menos nos dito algo! Qualquer coisa que não fosse tão vago.

MIRA: Ela pode ser tão... egoísta, às vezes.

LEONORA: Hm. Às vezes ela é sim. Como todo mundo, eu suponho...

LEONORA: Não vou fingir que entendo os motivos dela, e nem sei se tem como a gente entender. Mas se ela julgou necessário partir, talvez seja porque precisava disso, de alguma forma.

LEONORA: Confiar ou não no julgamento dela é decisão sua ... Mas não sei se teria sido menos egoísta impedi-la de ir.

As duas ficam em silêncio por um tempo. Leonora tem uma postura relaxada e olha o horizonte. Ela se levanta e sai do quadro.

LEONORA: Vem, vamos descansar um pouco. Com um tempo limpo, esta paisagem não deve ser

nada mal. Acho que já andamos o bastante por hoje.

Mira se vira para ver a amiga partir, mas permanece em cena, com uma expressão compenetrada. Nos aproximamos de seu rosto.

FLASHBACK

{Alguns quadrinhos nos revelam o quarto de Emília quando criança.} O cômodo é decorado de forma elegante, mas bagunçado. Algumas caixas sugerem uma mudança recente. No quarto, vemos Mira e Emília mais novas. Mira está folheando um livro muito antigo. Emília está debruçada sobre uma coleção de insetos, mas parece curiosa com a leitura da amiga. Leo entra em cena com um punhado de bolinhos.

LEONORA: Não sabia que seu pai cozinhava tão bem!

EMÍLIA: Ele não cozinha. Esses aí ele trouxe da padaria.

EMÍLIA: [para Mira]: Tá lendo o quê?

MIRA: Não sei, achei ele jogado em uma caixa lá na sala.

LEONORA: Cara, vocês duas são muito nerds. Deixa eu ver.

Leonora pega o livro das mãos da amiga e lê o que está escrito sobre a capa.

LEONORA: ...Uanã? O que é isso?

MIRA: Algo incrível! Escuta só!

EMÍLIA: *{Em primeiro plano}*: Não segura o livro desse jeito!

MIRA: *[lendo um trecho do livro]*: “No quarto dia em direção ao leste, após uma difícil escalada repleta de pedregulhos, me vi diante de uma revelação. O sol amanheceu sobre as ruínas, tingindo-as de rosa e azul. Estranhas construções mescladas ao capim e à rocha vermelha da montanha sugerem a presença de antigas mãos a moldarem pedra e barro.”

“Comecei a cavar as redondezas em busca de respostas. Aqui haveriam vivido boêmios, crianças, reis? Beberíamos do néctar de frutas longínquas, trazidas pelo comércio, ou de licores temperados

em algas? Que tipo de burburinho se mesclou aqui àquele do mar?”

MIRA: Uau! Espero poder ver algo assim, um dia!

EMÍLIA *[sorrindo]*: Pode ficar com o livro, se quiser

MIRA: Mesmo? Você não acha que ninguém vai dar falta?

EMÍLIA: Pff, Meu pai mal entra na biblioteca. De que serve um livro sem ser lido?

MIRA: *[abraçando a amiga]* Obrigada, Eme!

LEONORA: Ei! Vocês duas?

LEONORA: E se a gente tentasse encontrar Uanã?

EMÍLIA *[hesitante]*: Acha que a gente conseguiria?

LEONORA: Claro que sim! Só vamos precisar estudar bastante. Quem está comigo?

EMÍLIA: Eu topo!

MIRA: Vamos ser as melhores exploradoras que o mundo já viu!

FIM DO FLASHBACK

Mira observa a paisagem sozinha, imersa novamente nessas memórias. Para ela, ainda que tão próximo, Uanã parece um sonho mais distante do que nunca.

CORTE

Vemos um plano de cima e as meninas restantes, Mira e Leo, acampadas sobre um chão de pedra, sem barracas. Mira está acordada, com as mãos sobre a barriga, e ainda tem um olhar um pouco pensativo. Leo, ao seu lado, dorme pesadamente e tem a expressão satisfeita.

{Quadrinho mostrando Mira se assentando com o sol nascendo no horizonte}. A névoa do dia anterior abaixou, permitindo que as meninas vejam melhor a paisagem. Logo adiante, a ponte parece chegar a um abrupto fim. Mira se sobressalta.

{Quadrinho com Mira chacoalhando os ombros de Leo}

MIRA: Leo! A ponte sumiu!!

LEONORA [sonolenta]: ...hm? Do que você tá falando?

Leo se espreguiça com um olhar satisfeito. Depois, olha com um ar interrogativo a paisagem e, ao constatar que a amiga diz a verdade, desata em gargalhadas. Mira tem uma expressão indignada.

MIRA: Não é engraçado, Leo! A gente está no meio do nada!

LEONORA [se recuperando da crise de riso]:... Nada?

{Quadrinho de pagina inteira com uma visão panorâmica da paisagem}

LEONORA: Olhe à sua volta! Em algum lugar nós estamos, não?

MIRA: [De cara emburrada]: Ai, não vem com essa agora! Se quisermos chegar em Uanã algum dia, precisamos começar a nos mexer.

LEONORA: Mexer pra onde?

MIRA: Não sei, mexer.

Leo vê Mira se afastar, indo em direção ao fim da ponte. Ela suspira com um olhar frustrado.

LEONORA: É incrível como às vezes você pode ter a cabeça dura, capitã...

MIRA: Olha! Tem um moço ali embaixo!

LEONORA: Hm? Sério?

Leonora começa a correr em direção a ela, sorridente.

LEONORA [ofegante]: Tô indo, espera!

*Elas chegam ao fim da ponte, {uma onomatopeia indica uma parada brusca}. Diante delas, está uma escadaria que dá para o mar. Logo abaixo, ao lado do último degrau da escadaria, está um marinheiro, **Dente**, ajoelhado diante de um barco amarelo chamado **Piscialeto** e cobrindo-o de verniz.*

As duas meninas se aproximam por trás dele. Ele se vira para encontrá-las ao ouvi-las chamá-lo.

MIRA: Ei, moço!

LEONORA: Moço? Diria mais um moleque.

O garoto ri.

DENTE: Bom dia pra você também. Moleque está bom mas, se quiser saber, me chamam de Dente.

LEONORA [apontando pros dentes]: Tipo...?

DENTE: Isso!

LEONORA: Dahora.

DENTE: Não é maneiro? Chegaram em boa hora, já estou dando os toques finais.

LEONORA: Barco legal.

MIRA: Você mesmo o construiu?

DENTE: Uhum! Da primeira prancha à última pincelada.

DENTE: E vocês? É a primeira vez que vejo andarilhos passarem por aqui em algum tempo...

MIRA [*sarcástica*]: Talvez por esta ser uma ponte inatransmissível

DENTE [*sorri*]: Seria um motivo justo. Ainda assim, o caminho é bem bonito!

LEONORA: Foi o que eu disse!!

MIRA: Tá bom, tá bom, é bonito, sim. Mas eu queria mesmo era chegar naquele monte. Você não poderia nos levar até lá? Por favooooooooor.

DENTE: Monte...? Imagino que você esteja falando de Uanã?

MIRA: Você conhece as ruínas???

DENTE: Ruínas não, mas a costa é famosa entre marinheiros...

Mira {em segundo plano} faz uma expressão surpresa e animada, com um (!!!)

DENTE:... No sentido pejorativo, infelizmente. Aquela região é muito propensa a tempestades. Ouvimos todos os tipos de histórias a seu respeito, e nenhuma delas muito encorajadora.

Mira murcha visivelmente

LEONORA: E aquilo ali é o quê?

DENTE: A estrada principal... Vocês teriam que retornar até a entrada da ponte e dar a volta pelo outro lado... À pé daqui até lá daria uns três dias, no total.

LEONORA: Três dias...

MIRA: é um chão...

DENTE: Sim.. Desculpem por eu não poder ajudar mais.

MIRA [*com a expressão triste*]: Tudo bem

LEONORA: E você, vai para onde?

DENTE: Não sei. Vou viajar o mundo!

LEONORA [*gargalha*]: Saquei. Gostei de você, garoto! Qual é a primeira parada?

DENTE: Não sei. Não tenho nenhum plano em mente, e nem pretendo ter. Do Piscialeto virá o acaso e, do vento, a deriva. Não posso fazer nada senão segui-los. Bolsos descosidos, calças furadas e paletó ideal. Também eu me albergarei à Ursa maior.*

LEONORA [*sorri*]: Que brisa.

MIRA: Não sentirá falta de casa?

DENTE: Talvez... Terei saudades de onde eu vim, se é o que quer dizer. Acho que não tem como saber realmente o que isso quer dizer antes de ir embora. Mas “casa” é diferente para todo mundo, suponho.

DENTE [*sorrindo*]: A minha serão histórias. Espero ter muitas delas até o fim.

LEONORA [*sorri de volta*]: Até que você sabe bastante, para um moleque...

LEONORA: Os seus métodos podem ser um pouco... caóticos mas, pelo menos, você parece ter uma certa certeza do que está procurando. Eu não sei se poderia dizer o mesmo.

MIRA: O que eu estou procurando...

DENTE [*pigarreia*]: Querem descobrir?

DENTE: Sabem... Modéstia à parte sou mesmo ótimo para fabricar ideais, mas... também sou um péssimo gestor.

DENTE: Velejar sozinho pode mesmo ser um negócio muito perigoso... um marinheiro nunca sabe o que vai encontrar pelo caminho.

DENTE: Por isso mesmo, quando desenhei o Piscialeto, previ espaço para um parceiro ou dois. Alguém para dividir a vigília comigo e, em troca, ter liberdade para opinar em nossa rota. Não posso levá-las até Uanã... Mas eis aí uma proposta para vocês. O que acham?

{Zoom em Leonora com um grande sorriso}

LEONORA: O que eu acho?? Tamo dentro!!

MIRA: Eu não vou.

LEONORA: O quê? Mas porquê?

MIRA: Você sabe porquê, Leo. Não posso arcar com mais desvios.

MIRA: Eu não sei explicar, mas tenho a impressão que, se eu não for agora, nunca mais pousarei os olhos sobre Uanã...

MIRA: Mas, você é diferente. Não posso te forçar a ir aonde eu quero...

MIRA: Desde que eu te conheço que você quer sair por aí. O Piscialeto é perfeito para você.

Leonora salta na amiga em um abraço.

LEONORA: Foi uma honra te acompanhar até aqui capitã. Me mande fotos daquela vista, ok?

Mira sorri.

MIRA: Ok.

LEONORA: Vamos ver se essa sua vela esfarrapada presta pra alguma coisa, Dente. Estou subindo a bordo!

CAPÍTULO 3

Mira acena adeus ao Piscialeto, que está no mar, desaparecendo no horizonte. Quando o barco desaparece, ela olha solta um suspiro, olhando a névoa sobre o mar com incerteza.

MIRA: Bom... Parece que só sobrou eu...

MIRA: Só eu e... três dias de estrada... andando...E agora?

Ao seu lado, um besouro bastante familiar atravessa o porto. Quando Mira o avista, ela o reconhece imediatamente como o besouro encontrado por Emília ao longo da viagem.

MIRA: Olha só! Perguntei mesmo quando você reapareceria...

MIRA: Ei! Para onde você vai?

O besouro continua a fazer o seu caminho, passando ao lado da menina e entrando na água. Mira o observa, surpresa, e percebe que existem escadas descendo para dentro do mar na lateral do porto. Então, hesitante, ela começa a descer as escadas, seguindo o besouro. Ela deixa sua mochila para trás, ficando apenas com a roupa do corpo.

Mesmo embaixo da água, Mira percebe que pode caminhar e respirar normalmente. Ela desce a escada, e podemos ver o besouro um pouco mais à frente. A paisagem envolta é nebulosa, com silhuetas escuras espalhadas, indicando de forma sutil que Mira ainda não está completamente aberta aos seus arredores.

O besouro continua andando até entrar embaixo de uma pedra. Mira o segue até perdê-lo de vista sob a pedra e a levanta, alarmada. Ela levanta a pedra e constata que o besouro não está mais lá

MIRA: Ei!

MIRA: Sumiu de novo...

Mira se assenta ao lado da pedra e continua falando como se o besouro ainda estivesse ali.

MIRA: Me lembro de quando encontramos você, logo no início. Já então desviávamos do plano, mas estávamos juntas. Eu estava me divertindo, apesar de tudo... Acho que as outras se divertiram também.

MIRA: Já parece que faz tanto tempo... Este momento passou, e tenho a impressão de ter perdido algo valioso com ele.

Parece que isso é tudo o que eu sei fazer... perder as coisas.

MIRA: Mas então porquê, depois de tudo, continuo sempre a correr atrás delas, mesmo quando tudo insiste em mudar o tempo todo?

MIRA: Até que eu termine por esquecer o que eu foi que eu perdi

MIRA: Ou termine por guardar a perda.

MIRA: Diminua, diante dela.

Mira vai diminuindo no horizonte até tornar-se um ponto.

*{No próximo quadrinho}. Uma **estranha criatura** aparece, circundando Mira, o pontinho. Ela abre a boca para tentar comê-la.*

MIRA: Ei!

CRIATURA: Oh! Esta fruta fala! Nunca tinha visto uma fruta falante antes

MIRA: Eu não sou uma fruta!

CRIATURA: Ah não? O que você é então?

MIRA: Sou uma pessoa.

CRIATURA: Uma pessoa? Que fascinante. Então, quem você é?

MIRA: ...Não sei.

MIRA: Eu queria ser uma exploradora, eu acho.

CRIATURA: Bem, não parece que você tem explorado lá muita coisa.

MIRA: Eu sei que não! Eu achei que eu conseguiria mas... De repente, tudo ficou escuro.

CRIATURA: Isso é fácil de resolver! É só abrir os olhos.

MIRA: Não é tão simples assim...

CRIATURA: Talvez não. Porque você não tenta?

MIRA: Tenho medo de abrir os olhos, e de encontrar o mesmo vazio que encontro com eles fechados.

CRIATURA: Isso não vai acontecer. Confie em mim.

CRIATURA: Abra os olhos, Mira..

CRIATURA: Abra os olhos.

Mira abre os olhos e encontra uma nova paisagem, as silhuetas escuras de antes revelam-se.

{Quadrinho mostrando um panorama da paisagem, com Mira na parte inferior, de costas}. Vemos plantas e árvores frutíferas estranhas, e também outras criaturas.

MIRA: Uau! Isso tudo... estava aqui antes?

Vemos o rosto de Mira maravilhada com o novo universo ao redor. Ela observa as criaturas à sua volta e percebe que muitas delas vão em uma mesma direção. Ela hesita. A criatura se volta para Mira e então segue adiante. Mira parece surpresa e então sorri, seguindo esta e as demais criaturas

{Vemos aqui uma sequência de quadrinhos que imita o movimento de uma câmera que vai tirando o zoom da protagonista e a mostra, com as criaturas guiadas pela criatura vermelha, de cada vez mais longe. O objetivo é ver o fluxo de criaturas se mover com Mira e indicar a passagem do tempo.}

Subitamente, as criaturas nadam para cima, indo até a superfície para se alimentarem, como peixes. Mira fica no fundo, pois não consegue nadar como elas, mas percebe que a superfície está perto e que o solo forma uma subida logo adiante. Ela abandona as criaturas e sai da água, chegando no sopé de um monte, no topo do qual vemos algo brilhoso.

MIRA: Não pode ser... eu consegui?!

MIRA: Há! Quem precisa de um mapa? Irei à Uanã com os meus próprios pés, pernas e braços!

Ela começa a subir pela entrada da trilha. A vegetação não é espessa, mas bastante seca e espinhosa, com terra avermelhada, e o caminho é bastante íngreme. Em um quadrinho, ela passa por uma parte da trilha onde vemos uma espécie de “portão”, uma árvore sinuosa que recobre a trilha, com uma fita vermelha pendurada em um dos galhos, e um besouro sobre o tronco.

MIRA: Mas não irei sozinha, me parece... Aí está você outra vez! Apesar de inconveniente, estou começando a achar que você tem me dado sorte.

{Nos quadrinhos seguintes, vemos um plano com os seus pés descalços, bastante machucados e sujos com a terra vermelha, e de suas pernas bastantes picadas, andando à diante. Em seguida, vemos um plano vazio e então Mira subindo uma pedra e entrando no plano, com bastante esforço. Ela está novamente em frente ao portal por onde passou.}

MIRA: O quê?! De novo?

MIRA: Mas se não é para passar por você, para onde é que eu tenho que ir?

MIRA: Aaargh! Ok, eu admito, não faço ideia do que eu esteja fazendo! Eu preciso de um mapa, de comida, e provavelmente de calças. E de sapatos, no geral. Satisfeito?

MIRA: Mas eu não posso desistir agora que estou tão perto! Não vou deixar nada me impedir, ouviu? Nada!

Abruptamente, começa a chover. Vemos Mira sentada encolhida, tremendo em cima de uma pedra. De cima, vemos uma figura encapuzada a observar.

{Nos próximos quadrinhos, vemos a figura sob a perspectiva de Mira, enquanto ela fecha lentamente os olhos e perde a consciência.}

CAPÍTULO 4

Mira acorda em uma cama bastante quente. Ela se levanta e observa o ambiente ao redor. Ao seu lado, está um copo de chá fumegante e uma pilha de livros. O ambiente tem um estilo de “casa de vó” mas bem rústico, onde tudo parece ter sido feito à mão, ou resolvido com alguma gambiarra. Alguns objetos estranhos estão pendurados nas vigas do teto. Ela então pousa os olhos sob uma janela, através da qual ela vê um jardim e a vista para uma grande cadeia de montanhas.

Ela sai do que se revela uma pequena casinha, e pisa na grama lá fora, extasiada com a vista. Ela

ouve uma voz e se volta para trás. A origem da voz é a mesma figura encapuzada de antes, também chamada **Uanã**.

UANÃ: Imaginei que a encontraria aqui quando acordasse.

Mira se vira para a figura, que está de cócoras em frente a um muro, vestindo luvas de jardinagem.

MIRA: Eu me lembro de você... Foi você quem me trouxe até aqui, não foi? Se você não tivesse me encontrado—

UANÃ: Não foi muito inteligente subir com tão pouco equipamento. Mas estou acostumada com viajantes perdidos. Não precisa agradecer.

Mira hesita, surpresa. Sorri.

MIRA: Mesmo assim, obrigada.

Uanã sorri para ela e volta para a sua jardinagem.

UANÃ: Pode ficar o tempo que quiser. Meu nome é Uanã. Você é?

Quando ela não recebe nenhuma resposta, Uanã se volta para a menina. Mira a encara com uma expressão de choque.

MIRA: Uanã? Mas então as ruínas— !?

UANÃ [*sorri*]: Ahh, então é para isso que você veio? Muita gente passa por aqui, mas faz muito tempo que não ouço falar delas, e nunca por este nome. Não... eu jamais seria tão pressunçosa a ponto de dar o meu próprio nome à minha descoberta. Na verdade, não a dei nome algum.

MIRA: S-sua... descoberta?

MIRA: Mas é genial! Por favor, você tem que me mostrar onde elas ficam!

UANÃ [*parecendo um pouco triste*]: Receio que eu não possa te ajudar tanto quanto você pense, menina. Escrevi sobre as ruínas por um motivo. As construções que eu achei são impressionantes, posso admitir, mas o que sugerem é que uma civilização inteira já existiu por aqui, algum dia. Segundo os meus cálculos, eles deviam se espalhar por toda a cadeia... Eu certamente busquei por elas... mas sem muito sucesso

MIRA: Incrível! E quantas ruínas você encontrou, no final?

UANÃ: Apenas uma.

MIRA: Uma?? Mas... onde?

UANÃ: Aí é que está. Estive em tantas dessas montanhas que... não me lembro qual delas era a certa.

UANÃ [*rindo*]: Há! Não faz mal. Vê-la uma vez foi o suficiente para mim.

UANÃ: Mas responda a minha pergunta, menina, qual é o seu nome?

MIRA: Mira.

UANÃ: Muito bem, Mira.

Um silêncio se estabelece entre elas.

MIRA: Então, depois de todo este caminho... eu nem consegui chegar aonde eu queria.

UANÃ: Ora ora, mas não seja tão dura... Só podemos tentar adivinhar aonde vamos chegar, mas este é o lugar onde você está agora. Se o que você procura está logo adiante, este me parece um bom ponto de partida, não?

MIRA: Você parece uma amiga falando... Gostaria que ela estivesse aqui comigo, agora. Ela sempre foi melhor nessa coisa de viagem do que eu.

UANÃ: Você chegou até aqui. Não é nada mal para alguém sem sapatos.

MIRA [desanimada]: Suponho que tenha razão.

MIRA: ...

MIRA: Porquê você não quis encontrar as outras ruínas? Quando eu li o seu artigo, eu achei que você fosse... uma exploradora.

UANÃ [sorri]: Qual é característica mais importante de um explorador para você?

MIRA: Não sei... Curiosidade, talvez.

UANÃ: Pois bem. Eu tive a curiosidade de partir, quando descobri as ruínas. Depois, tive a curiosidade de ficar.

MIRA: Não sei se entendo...

UANÃ: Digamos... A estabilidade é uma necessidade inata para o ser humano. Somos seres que dependem de uma organização social e, até certo ponto, de uma terra para sobreviver. A mudança vai contra a nossa própria natureza.

UANÃ: O viajante vai totalmente contra este instinto, mas poderíamos talvez dizer que ele segue outros. Ele é, acima de tudo, alguém que se recusa a se proteger da existência... E que anseia por ela sob a sua forma mais crua.

UANÃ: Mas essa atitude só pode ser sustentável por um tempo. Quando chegar a hora, ele precisará de um local para onde possa retornar.

UANÃ: E de alguém que estará lá para acolhê-lo...

UANÃ: Podemos explorar o que está além da nossa vista...

UANÃ: Ou descobrir o que se esconde a pleno alcance.

UANÃ: O desafio, como para todas as coisas, é encontrar um equilíbrio que nos caiba entre uma e alternativa e a outra.

UANÃ: Saber julgar o momento pelas nossas próprias medidas... e segui-las quando podemos.

UANÃ: Eu descobri a minha medida.

UANÃ: E você, Mira?

UANÃ: Qual é a sua?

{O trecho grifado em azul na fala de Uanã, nos quadrinhos é uma transição temporal}. Na medida em que ela fala, vemos aspectos de um outro momento se surgirem visualmente. Detalhes de uma vida doméstica, da paisagem vista do monte, da casa, de animais de criadouro, como bezerros. Vemos mãos arrancarem ervas daninhas do solo, e folhearem as páginas de um livro.

Vemos detalhes de uma mesa sobre a qual várias fotos, postais e cartas espalhados. Vemos fotos de

Leonora e Dente no piscialete e em locais estranhos, de Emília com uma lupa e vários dos besouros avistados antes.

Na parede, vemos uma folha de jornal com o título “Em sua terceira expedição, jovem acha relíquia de 3 mil anos nas montanhas”. De cima, vemos alguém encapuzado como Uanã, que desenha um mapa elaborado. Finalmente, o rosto da pessoa é revelado, e vemos que é Mira. Assim como o capuz, ela tem uma nova vestimenta que sugere maior experiência como viajante, como calças tipo cargo, botas surradas, uma capa com vários bolsos.

Mira parece pensativa quando ouve alguém soar a campainha na porta.

MIRA: Já vou!

Ela se levanta da mesa de estudos e abre a porta, encontrando Emília do outro lado, parecendo um tanto nervosa.

Emília corre para abraçar a amiga. Mira parece surpresa, e então, sorri.

MIRA: Suponho que você tenha recebido a minha carta

EMÍLIA: É bom te ver novamente

{A página final revela a carta que Mira havia escrito para Emília.}

“Eme,

Faz muito tempo desde a última vez em que nos vimos, agora. Gostaria de ter podido me despedir melhor de você. No fim das contas, eu mesma não pude me impedir de me desviar e, quando foi a minha vez de dizer algo, eu também não o fiz. Peço desculpas por isso.

Recebi notícias de que suas pesquisas com o besouro que encontramos têm dado certo. Na região onde vivo agora, encontro muitos deles. Tenho mapeado a sua população como posso, mas não sou nenhuma especialista. Acredito que, de alguma forma, eles possam me indicar a rota até Uanã.

Te envio junto com esta carta um mapa com as informações que encontrei, caso lhe sejam úteis. Nela, está incluso também o meu endereço. Se você quiser, eu ficaria feliz se pudéssemos terminar juntas aquela nossa aventura.

FIM.